

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**O PROCESSO PSICANALÍTICO: INTRASUBJECTIVIDADE
VERSUS INTERSUBJECTIVIDADE (A PARTIR DE UMA
PERSPECTIVA SÓCIO – CONSTRUTIVISTA)**

José Manuel Rebocho Serrano

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**O PROCESSO PSICANALÍTICO: INTRASUBJECTIVIDADE VERSUS
INTERSUBJECTIVIDADE (A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA
SÓCIO – CONSTRUTIVISTA)**

José Manuel Rebocho Serrano

Dissertação orientada pelo Professor Dr. António Coimbra Aires de Matos

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada
Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor António Coimbra Aires de Matos, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006

Agradeço a todos, na família, no trabalho e na escola, pela paciência que tiveram para me suportar.

Resumo: Este artigo, tendo como ponto de partida as teorias construtivistas, procura encontrar nestas, uma base de apoio para uma reflexão sobre a relação entre o analista e analisando, relação essa que tem o outro como fundamental, com todas as *intersubjectividades* subjacentes aos *actores* do processo analítico.

Palavras – Chave: Intersubjectividade, Perspectiva Construtivista e Psicanálise

Abstract: This article, having as starting point the constructivist's theories, looks for to find in these, a base of support for a reflection on the relation between the analyzing and analyst, relation this that has the other as basic, with all the underlying *intersubjectivitys* the actor's of the analytical process.

Key – Words: Intersubjectivity, Constructivist Perspective and Psychoanalysis

Índice

Introdução -----	1
Desenvolvimento -----	3
Conclusão -----	31
Referências Bibliográficas -----	32

*Chegado aqui, onde hoje estou, conheço
Que sou diverso no que informe estou.
No meu próprio caminho me atravesso.
Não conheço quem fui no que hoje sou.*

Fernando Pessoa

Introdução

A Psicanálise tem, ao longo do tempo, sido alvo de críticas enquanto ciência. Diremos que no sentido de se impor como tal, as deve acolher e até fomentar. Saliente-se que estas críticas já vêm do tempo da sua criação por Freud. Existem ideias mais positivistas e outras mais hermenêuticas que se apresentam no *teatro* da discussão, uma mais focalizada no método tradicional confiando no estudo de caso e privilegiando a interpretação, a outra colocando o enfoque na relação causa – efeito e apostando nos métodos das ciências naturais e sociais.

Mas também o potencial do texto freudiano reside no facto de não ter cedido à tentação de se erigir como sistema, mantendo-se como uma obra aberta, quiçá inacabada, que, tal como Pontalis (1994) dizia, se abre a uma possibilidade ilimitada de discursos.

A psicanálise precisa somar recursos ao invés de substituir estilos, para fazer face aos desafios de tratar os pacientes com distintas especificidades emocionais e com as mais variadas exigências de análise. Não deverá seguir apenas um *estilo* em voga. Deve, isso sim, abrir-se, integrando uma posição epistemológica co-evolutiva do conhecimento, que permita inovar como as ciências contemporâneas.

A clínica de hoje, muitas vezes, solicita ao analista que seja a mãe-analista, não a que imperava na época vitoriana de Freud, mas a que frustra lembrando os limites, a que acolhe ensinando a crescer, pensar reflexivamente e a lidar com os obstáculos. A

experiência psicanalítica possibilita ao paciente olhar para si, questionar-se e questionar a ordem actual estabelecida tão aprisionante como a do passado.

A observação clínica ao invés de ser feita à cabeceira do doente, reúne antes o paciente e o seu terapeuta num projecto existencial comum. Uma psicanálise não será então uma investigação científica imparcial, mas um acto terapêutico, por essência; ela não procura provar, mas modificar qualquer coisa.

Considerar a relação entre indivíduo e cultura inserida no contexto de uma perspectiva dialógica traz consigo a necessidade de uma ampla redefinição das categorias e conceitos nos quais se apoia a psicologia em todas as suas áreas de investigação.

A perspectiva sociocultural construtivista questiona toda e qualquer tipologia psicológica baseada em traços e características permanentes, e coloca, em consequência, novas questões teóricas e metodológicas que desafiam os pesquisadores.

A subjectividade diz respeito ao conhecimento de um sujeito/indivíduo em contacto com o mundo, quer o objecto de conhecimento seja ele próprio, quer sejam aspectos desse mesmo mundo.

Da análise clássica até hoje houve várias mudanças, destacando este trabalho a utilização da subjectividade do analista como instrumento da técnica.

A psicanálise pensada aqui é a da intersubjectividade, cujo foco está na interacção entre diferentes organizações dos mundos subjectivos de analista e analisando.

Nos últimos anos tem crescido o peso de uma prática que cada vez mais alimenta e fortalece a ideia de que a subjectividade que se joga na relação analítica, embora não abrindo mão do relacional histórico dos intervenientes, é activa, dinâmica, e em constante construção e reconstrução, até porque “actualmente, nenhum psicanalista capaz fica cego ou paralisado perante as realidades da vida relacional infantil, do poder patogénico da personalidade e atitudes dos pais, da diferente vivência subjectiva decorrente da interpretação, mais ou menos exacta ou mais ou menos distorcida, do real que cada um fez (e tem)” (Matos 2003). A intersubjectividade em psicanálise também aqui se refere claramente ao jogo dinâmico entre as experiencias subjectivas do analista e do paciente na situação clínica.

Poderemos dizer que está em aberto uma ciência muito mais vasta que, assimilando o sonho ao sintoma, permitirá passar de uma *teoria* da simbolização restrita, para uma *teoria* da simbolização generalizada?

Desenvolvimento

Hoje, parece estar a ser abandonada aquela objectividade científica idealizada, onde o observador não afecte ou interfira no objecto da sua investigação. Toma papel preponderante o ponto de vista do outro. A interpretação, quiçá qualquer significado como algo exaustivo e acabado, cede a sua preponderância.

Em psicanálise o analista tende a mudar o seu papel, algo aparente, de onnipotentemente neutral. Ele necessita de fazer uso da sua intuição e empatia, afinal sempre presentes numa infiltração da subjectividade. Torna-se talvez mais vulnerável, outrossim mais humilde e mais livre. Haverá assim uma contribuição para o enriquecimento da experiência psicanalítica através de uma maior aproximação à verdade do encontro subjectivo da dupla?

Socorrendo-nos da literatura existente, procura-se aqui dissecar várias propostas que se apresentam no sentido de dinamizar e melhorar a relação analítica para que esta atinja no fim o seu objectivo primordial: A resolução do problema do analisado. Tendo sempre presente que ao invés de se romper com práticas anteriores, se pode com estas, e com outras que emergem num tempo e numa realidade, também eles em constante mutação, criar uma multiplicidade de posturas, ao dispor do analista.

Consideramos importante discutir um conceito que nos parece essencial para a compreensão dos processos de mudança no desenvolvimento humano. Trata-se do conceito de “internalização”, que na perspectiva sociocultural construtivista é percebido como parte do processo de internalização/externalização, isto é, o processo activo que caracteriza exactamente as trocas entre os pólos “pessoal” e “colectivo” da cultura.